

MATERIAL DE APOIO À DIAGNOSE

1.º ANO

MARCELO CRIVELLA
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

TALMA ROMERO SUANE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

MARIA HELENA DOS SANTOS PRAZERES COSTA
SUBSECRETARIA DE ENSINO

ISAURA FERNANDES BARRETO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

ANA CRISTINA DOS SANTOS GRECCO
GERÊNCIA DE ENSINO FUNDAMENTAL I

FÁTIMA BLANCO CAVALCANTI
JANAÍNA CRUZ DA SILVA
LILIANE MARTINS NUNES
ELABORAÇÃO

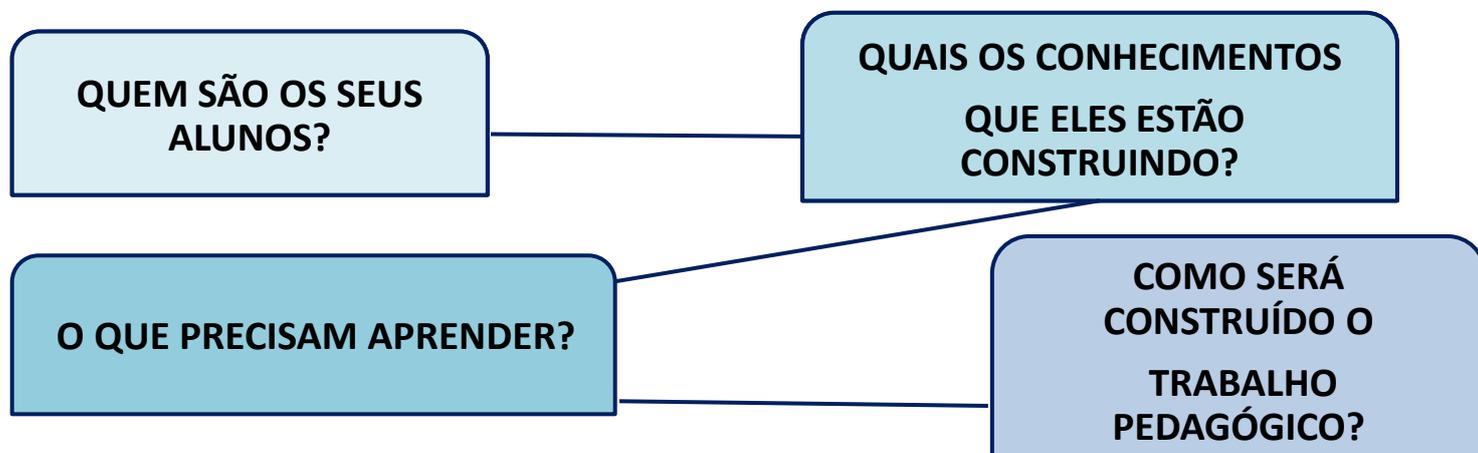
LARISSA FERNANDES DOS SANTOS MANHÃES CORRÊA
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA
REVISÃO

CONTATOS DA SUBSECRETARIA DE ENSINO:

subesme@rioeduca.net
materialcarioca@rioeduca.net

Telefones: 2976-2301 / 2976-2302

DIAGNOSE: registrando os diferentes saberes de cada aluno...



Definir e redefinir os objetivos do fazer docente são ações inerentes ao nosso trabalho. Diante do currículo e das demandas de aprendizagem da turma e de cada aluno, o planejamento é construído e ganha os contornos necessários ao alcance de cada objetivo.

Por essa razão, logo no início do ano letivo, torna-se fundamental conhecer a turma, conhecer cada aluno e traçar caminhos para que todos avancem.

É importante, por exemplo, saber

- quais as crianças que passaram pela Educação Infantil;
- se estudaram na mesma turma ou escola;
- se há relatórios disponíveis sobre o desenvolvimento dos alunos em suas experiências anteriores;
- quais os conhecimentos que construíram a respeito do sistema de escrita e de numeração decimal;
- quais as características culturais e afetivas que preponderam nos lugares onde vivem;
- quais os interesses e curiosidades que possuem;
- se há alunos que necessitarão de apoio específico (como suportes para a inclusão e adaptação para crianças com deficiência).

A **DIAGNOSE** não se constitui em uma ação pedagógica definitiva e cristalizada em relação aos perfis apresentados pelos alunos no início do ano letivo. Trata-se de um momento importante, **um ponto de partida** para se pensar quais ações/possibilidades serão necessárias ao avanço no processo de alfabetização específico de cada aluno, assim como do coletivo da turma.

Lembre-se de que a família deve se tornar uma grande aliada. Considere organizar reuniões frequentes de pais e responsáveis para que você, Professor(a), possa conhecer as famílias, que sempre oferecem informações relevantes sobre as vivências de cada criança. O compromisso com a frequência é algo de que não se pode abrir mão. Muitas vezes, algumas famílias não compreendem a importância da assiduidade, principalmente durante o processo de alfabetização. Aproveite esses encontros para mostrar o quanto os alunos precisam consolidar, gradativa e sistematicamente, o seu processo de alfabetização.

DIAGNOSE: registrando os diferentes saberes de cada aluno...

Diante do trabalho a ser desenvolvido no **1º ano**, identificar como os alunos estão se desenvolvendo, em cada uma das habilidades em destaque, contribuirá para a organização do planejamento. Destacaremos, nas próximas páginas, as habilidades que serão observadas a partir das atividades desenvolvidas para efeito da **DIAGNOSE** e ao longo de todo o bimestre, tendo em vista o que está previsto nas Orientações Curriculares.

Já sabemos que, durante o processo de diagnose, buscamos conhecer o que **sabe** cada um de nossos alunos. É preciso identificar aqueles que estão iniciando a construção de determinados conceitos e aqueles que já avançaram nesta ou naquela habilidade específica. A diversidade, inerente ao ser humano e, logicamente, aos nossos alunos, nos permite perceber crianças nas mais distintas etapas do processo de alfabetização. Como precisamos atender a todos, a **DIAGNOSE** inicial permitirá traçar/planejar atividades/ações para que todos evoluam e, mutuamente, se auxiliem nesse processo.

As habilidades elencadas, para serem observadas durante o processo de **DIAGNOSE**, consideram, dentre outros aspectos, a escrita do próprio nome, a identificação de letras, a leitura e a produção de textos. No âmbito da Matemática, são exploradas habilidades que também envolvem diferentes processos cognitivos. Pretende-se, neste início de ano letivo, observar o desenvolvimento de habilidades que envolvam as capacidades de identificação, comparação, ordenação, classificação e resolução de situações-problema envolvendo cálculos simples.

Professor(a), ao observar seus alunos, tenha em vista as possibilidades de aprendizagem de cada um deles. Com a **DIAGNOSE** não se pretende buscar o que **falta**, mas sim o que cada criança já construiu e o que ainda precisa construir para conseguir apropriar-se da leitura e da escrita, desenvolvendo, concomitantemente, o seu raciocínio lógico. Esta é a função da escola: construir conhecimento.

A indicação de habilidades para a **DIAGNOSE** e para investimento efetivo ao longo do bimestre não pode ser tomada como preditiva daquilo que as crianças deveriam saber. Deve, sim, ser tomada como referencial para que saibamos onde cada aluno se situa em relação ao que precisa desenvolver/avançar, a partir de onde está. Colocamo-nos à disposição para oportunidades permanentes de diálogos. Na contracapa, disponibilizamos os nossos contatos.

DIAGNOSE: registrando os diferentes saberes de cada aluno...

Quando o professor começa a falar de escrita para as crianças, precisa lembrar-se de que a maioria delas já tem informações a respeito. Se ele fizer com que elas explicitem essas informações, conversando a respeito do que sabem, terá um bom motivo e um caminho interessante para ensinar a ler e a escrever.

*[...] Por isso, o professor deve fazer esse levantamento antes de organizar o trabalho de ensino. Reconhecer e respeitar esses conhecimentos das crianças motiva-as a aprender mais rápido, uma vez que elas constatarem que já sabem muita coisa. **Por outro lado, esse estudo é crucial no caso daqueles alunos que sabem muito pouco ou quase nada a respeito do sistema de escrita. Com esses alunos, o professor deverá tomar cuidados especiais, devendo ensinar noções que parecem óbvias a todo mundo, mas que não foram sequer percebidas por algumas crianças.***

Se esses alunos não receberem uma boa distinção entre desenho e escrita ou, ainda, que escrevemos com letras representando os sons das palavras, dificilmente acompanharão explicações mais específicas a respeito do funcionamento da escrita, da leitura e da fala [...]

LEITURA

LEITURA Q.1

Identificar a finalidade do texto pelo reconhecimento do suporte, do gênero e das características gráficas.



Professor(a), a aprendizagem da leitura e da escrita necessita da utilização efetiva de textos como ponto de partida e de chegada.

É fundamental que os alunos percebam os usos sociais da leitura e da escrita. Por essa razão, explore as características e as funções dos textos lidos.

Ao trabalhar com narrativas, parlendas, poemas, receitas, manuais de instrução, rótulos, notícias, letras de música, trava-línguas e adivinhas, explore a finalidade de cada gênero textual.

Nesse trabalho, a oralidade ganha espaço privilegiado. Estimule seus alunos a expor suas ideias a respeito da finalidade dos diferentes textos trabalhados e amplie os conhecimentos que compartilharem.

Levando em consideração a faixa etária dos alunos, verifique a possibilidade de montar um livrinho em que se reúnam *textos para brincar*. Nesse material, poderiam ser reunidas parlendas, trava-línguas, adivinhas, canções de roda e listas de brincadeiras construídas pelos próprios alunos.

Você pode, ainda, criar um manual de brincadeiras. Nele, os alunos podem selecionar e explicar como as brincadeiras favoritas são realizadas. Nesse caso, como escriba dos alunos, você pode registrar as instruções passadas por eles. A produção pode ser compartilhada com outras turmas da escola.

LEITURA Q.2

Identificar a direção da escrita na Língua Portuguesa (escreve-se da esquerda para a direita e de cima para baixo).



Observe o desempenho de seus alunos na realização das atividades propostas em cada dia de aula. Verifique como escrevem, como grafam as letras e os oriente sempre que necessário.

Para desenvolver a percepção quanto à direção da escrita, você pode:

- entregar aos alunos fichas em que esteja escrito o nome da criança (abaixo dele, deixe uma lacuna para a colagem de cada letra. Oriente os alunos de modo que cole as letras, respeitando o sentido da escrita);
- usar letras móveis, na rodinha, para escrever, coletivamente, palavras e nomes que sejam significativos;
- atuar como escriba de seus alunos, escrevendo histórias criadas por eles;
- escrever, no quadro ou no blocão, enquanto copiam em seus cadernos, a opinião das crianças sobre um livro lido ou mesmo um convite para que outra turma participe de uma brincadeira ou da Roda de Leitura (mostre sempre a direção da escrita e a função social do texto);
- estimular o que, entre os alfabetizadores, acabou sendo chamado de **ler com o dedinho**. Capas de livros, fichas de nomes próprios, textos que os alunos saibam de cor são bastante produtivos para essa atividade: ao ler mesmo sem *saber ler*, as crianças apontam com o dedo o texto que está sendo lido.

LEITURA Q.3

Identificar relações fonema/grafema (som/letra).



Antes de explorar as relações existentes entre fonemas e grafemas (SOM/LETRA), é importante investir no desenvolvimento da consciência fonológica.

Brinque com rimas, canções, parlendas e trava-línguas. Observe quais alunos são capazes de perceber sons iguais ou semelhantes. A percepção das rimas e dos sons iniciais em palavras são habilidades importantes a serem desenvolvidas durante o processo de alfabetização.

Para estabelecer relações entre fonemas e grafemas, a criança deve ultrapassar a capacidade de somente comparar sons: ela precisa relacionar sons à sua representação escrita.

Mais uma vez, o trabalho com o nome pode auxiliar, efetivamente, no estabelecimento das relações entre fonemas e grafemas. Aproveite a **chamadinha** para observar a apropriação das relações entre fonemas e grafemas, habilidade que as crianças vão construindo gradativamente.

Durante a **chamadinha**, a comparação entre nomes que começam ou não com a mesma letra deve ser estimulada. É importante que as crianças **percebam** a relação entre sons e letras.

LEITURA Q.4

Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números e sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.



Já se sabe que o aluno, ao conhecer as 26 letras do alfabeto, superou uma etapa importante no seu processo de alfabetização.

Durante o período de diagnose, investigue como cada aluno caminha; invista no processo de reconhecimento e diferenciação entre números, letras e demais sinais gráficos.

Brinque de “*Seu mestre mandou...*” com a turma. Peça que citem ou apontem letras, números, nomes (de brinquedos ou de pessoas), cores/formas etc. Você irá se deparar com situações diversas, que demonstrarão em que etapa do processo de alfabetização cada aluno se encontra.

Construa e utilize alfabetários e numerários.

Leia, constantemente, para seus alunos. Proponha situações de contagem. No trato com os sistemas de escrita e de numeração, os alunos consolidarão a habilidade em estudo.

LEITURA Q.5

Identificar letras do alfabeto.



Durante as atividades diárias, explore, sempre que oportuno, o reconhecimento e a nomeação de letras. Nessas ocasiões, observe e registre (para seu acompanhamento) os conhecimentos que os alunos já adquiriram ou que ainda estão construindo.

O momento da **chamadinha** é sempre oportuno: identificar e nomear as letras com as quais os nomes começam ou terminam, ou, ainda, nomear todas as letras que compõem um determinado nome pode se transformar em uma prática diária para a aprendizagem efetiva relativa a essa habilidade.

A realização de bingos de letras também se constitui em oportunidade de aprendizagem para os alunos, além de favorecer a ludicidade.

ESCRITA

ESCRITA Q.1

Escrever o seu primeiro nome sem apoio.



Professor(a), identificados os alunos que ainda não reconhecem o próprio nome, consideramos importante planejar atividades que desenvolvam essa habilidade. Como já é conhecido nos estudos sobre alfabetização, o nome deve ser visto como o **primeiro texto** a ser considerado quando se pretende ajudar alguém a ler e a escrever.

A utilização de crachás, *telhadinhos*, varal com saquinhos contendo o nome de cada aluno (para guardar produções), jogos de letras móveis do nome, entre outros recursos, contribui, significativamente, para o desenvolvimento dessa habilidade simples e inicial.

ESCRITA Q.2

Reconhecer que tudo o que se fala pode ser escrito.



Perceber que podemos representar, com a escrita, o que falamos ou pensamos, constitui-se em etapa das mais importantes no processo de alfabetização. É fundamental que a criança descubra o que a escrita representa e o que se pode representar a partir dela. Por isso, ao organizar suas aulas, verifique o que as crianças sabem a respeito da escrita e observe se conseguem perceber as relações entre as marcas de oralidade e a escrita.

Proponha situações em que as crianças necessitem fazer representações. Dentre várias possibilidades, você pode solicitar que

- mostrem para você os personagens de que mais gostam, utilizando papel, lápis grafite e lápis colorido (depois que terminarem, peça que cada criança fale sobre o que representou. Observe as escolhas que fizeram entre utilizar a escrita, símbolos ou desenhos. Junto com as crianças, organize as produções, agrupando-as a partir da forma de representação escolhida individualmente: escrita, desenhos, símbolos ou desenho e escrita, entre outras);
- escrevam algo para você (pode ser os nomes de alguns personagens citados pelos colegas ou os nomes de alguns animais indicados por você ou escolhidos pelos alunos, para que se observe como cada criança procederá. O importante é que o ato de escrever tenha um sentido, uma motivação e a atividade esteja vinculada a algum assunto desenvolvido em sala de aula).

Ao observar a escrita de cada aluno, analise se eles já utilizam convenções da escrita e de que maneira o fazem.

Valide e valorize todas as formas de representação apresentadas pelas crianças e as ajude a avançar no que for necessário.

ESCRITA Q.3

Escrever textos curtos tendo em vista as condições de produção (finalidade, gênero e interlocutor).



Professor(a), planeje situações diversas em que o aluno possa vivenciar a escrita. A produção coletiva de textos se constitui em atividade significativa. Você terá a oportunidade de intervir nas questões em que os alunos precisam avançar (adequação da linguagem ao gênero proposto, distribuição espacial, uso de letras maiúsculas, paragrafação, coerência, coesão e sequência lógico-temporal). Lançar mão, na produção de textos, de assuntos/temas que sejam da preferência dos alunos é uma forma de estimulá-los à produção textual.

No seu planejamento, sugerimos que inclua, diariamente, atividades de produção textual, iniciando com o incentivo a pequenos textos.

Para os alunos que ainda não constituíram a autonomia da escrita, trabalhe com listas de suas preferências. Oriente que utilizem, quando necessário, o apoio do blocão e de outros recursos que precisam estar, permanentemente, expostos na sala de aula.

MATEMÁTICA

MATEMÁTICA Q.1

Identificar onde há mais, menos e igual quantidade em grupos distintos de objetos.



É essencial levar os alunos a observar, contar, estimar, comparar, agrupar e desagrupar: são ações que devem fazer parte das aulas de Matemática nos anos iniciais.

Consideramos importante fazer uso de jogos e de materiais variados para contagem. Observe como cada aluno realiza as atividades propostas. Faça perguntas para verificar o que observaram e complemente quando necessário. Você pode sugerir aos alunos que

- ao longo de uma semana, tragam, para a escola, tampinhas (plásticas) de refrigerante, reunindo-as em um recipiente transparente estimando, com a turma, a cada dia, quantas tampinhas de cada cor conseguiram e quantas existem no total. Ao final da coleta de tampinhas, faça nova estimativa e divida a quantidade obtida entre grupos de alunos. Peça que contem e anotem as quantidades que receberam de cada cor e a quantidade total. Aproveite a oportunidade e leve-os a comparar se possuem mais de uma cor do que de outra, se conseguiram a mesma quantidade para duas ou mais cores e qual a cor que possui menor quantidade de tampas. Reunindo as informações de cada grupo, faça o cálculo total de tampinhas obtidas pela turma;
- observem o calendário do mês em curso. A partir dessa observação, explore e compare, com os alunos, a quantidade de dias de aula, a quantidade de sábados e de domingos...;
- comparem a quantidade de cadeiras da sala de aula em relação ao total de alunos presentes.

Com relação à habilidade em estudo, considere as demais situações cotidianas para propor desafios aos alunos. Lembre-se de que os jogos podem ser muito úteis nesse momento.

MATEMÁTICA Q.2

Relacionar quantidade de elementos à sua representação numérica.



Propicie, diariamente, situações em que seus alunos possam contar e registrar quantidades.

Durante a rotina, leve-os a contar e registrar

- a quantidade de alunos presentes;
- os dias que faltam para a semana letiva terminar e os dias já passados;
- a quantidade de letras do nome de alguns alunos (por exemplo, as letras do nome do ajudante do dia).

Ao longo da aula, os alunos podem contar lápis, tesouras, livros e demais materiais que sejam de uso coletivo. É possível organizar a sala de aula de modo a dispor de potes para cada grupo de mesas, com quantidade fixa de materiais. Os alunos podem ter a incumbência de organizar e conferir o material.

Os jogos em que se ganham pontos são bons aliados. As crianças podem registrar os pontos obtidos a cada jogada vencida. Considere dividir a turma em dois grupos para brincar de

- **Formando 10** – Um dado é lançado pelo grupo (um dado por grupo). Os participantes retiram a quantidade de tampinhas ou de palitos sorteada, arrumam-na em suas mesas e anotam o número que representa a quantidade retirada. O jogo prossegue até que um dos grupos reúna 10 unidades, marcando um ponto. O jogo pode ser realizado em duplas. Realizar a atividade em grupões permitirá ao(à) Professor(a) acompanhar a movimentação dos alunos diante do mesmo desafio.

MATEMÁTICA Q.3 E Q.4

Resolver situações-problema que envolvam os significados da adição (juntar e acrescentar) e da subtração (retirar, completar e comparar).



Professor(a), os **DESAFIOS**, partindo de situações contextualizadas e lúdicas, são atividades bastante instigantes para os alunos. Lembre-se sempre de oferecer e permitir o uso de materiais contáteis.

Estimule as crianças a realizar cálculos; inclusive, que elas utilizem os dedos para realizar os cálculos.

As atividades coletivas – realizadas com sua mediação e intervenções sistemáticas e necessárias – contribuirão, amplamente, para o desenvolvimento integral de cada aluno.

Na **rodinha**, por exemplo, você pode:

- apresentar a caixa de blocos lógicos e contar, junto com eles, a quantidade de triângulos pequenos presentes na caixa. Em seguida, fazer perguntas como: “Com quantos triângulos ficaremos se retirarmos 1? Se retirarmos 2? Se acrescentarmos 1 triângulo grande? Se juntarmos os triângulos pequenos aos triângulos grandes?”;
- organizar uma fileira de triângulos pequenos e outra de triângulos grandes. Em uma delas, disponha uma quantidade menor de triângulos e solicite aos alunos que verifiquem quantos faltam para que se obtenha igual quantidade;
- brincar com o lançamento de dois dados, de maneira que as crianças somem os pontos obtidos. Os dados podem ser lançados por duplas e o resultado calculado, colaborativamente, por ambos os participantes.

Professor(a), no decorrer do tempo e com a sistematização do trabalho, as crianças avançam e conseguem demonstrar as habilidades que já foram construídas. Observe e registre o desenvolvimento de cada um de seus alunos. Reforçamos a importância da utilização do portfólio.